

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I

Desterro—Domingo 4 de Maio de 1879

N. 23

O ARTISTA

Desterro, 4 de Maio de 1879

Tu dos teem uma scentelha de luz, que ha de illuminar o caminho da humanidade, a uns esse clarão lampeja na folha da espada, a outros no livro....

PINHEIRO CHAGAS.

..... ut memoria tui sit.

ISAIAS.

Mocidade ! Si queres alcançar a corôa resplandecente da gloria, legar á posteridade um nome cercado do prestigio da fama, applica-te com especial esmero ao genero de trabalho, para o qual te sentires mais propensa.

A natureza sendo prodiga para com todos os homens, procede, todavia, com certa parcimonia, na distribuição de seus dons, dando á cada individuo os necessarios recursos intellectuaes, para que este consiga o seu fim, distinguindo-se naquelle ramo de trabalho, que mais util fôr ao seu aperfeiçoamento moral e intellectual, relativo ao engrandecimento da humanidade....

Placida e serena te corre a existen-

cia:—o céu, te é propicio; a fonte e o rio, em doces colloquios de amor, murmurando louvores ao Eterno, convidão-te a meditar; a estrella, que rutila na amplitude, é a imagem fagueira de teu risosinho futuro; e a flor, que perfuma o campo, é a poesia que te brota do seio d'alma, como a catadupa irrompe do escarpado rochedo.

Estas na quadra mais venturosa da vida; sentes, no peito, o coração pulsar acelerado pelos nobres impulsos da esperanza, e o cerebro, escandecido por mil ideias, a desenhar-te, lá nos espaços infinitos, a deslumbrante perspectiva da gloria.

Pois bem, aproveita essas felizes disposições de teu animo, entregando-te seriamente áquelle trabalho, para o qual te destinou a Providencia.

Si amas a expressão dos bellos sentimentos, si almejas um lugar distincto no templo da immortalidade, ao lado dos proeminentes poetas, enriquece primeiramente o teu espirito com a proficiencia lição dos classicos, e depois, toma a lyra e, em estrophes inspiradas, celebra as maravilhas grandiosas da criação, e os feitos estupendos da creatura: *ut memoria tui sit.*

Si, por uma fascinação magnetica, te sentires arrastada a imitar as cores vivas

com que a hora crepuscular de uma tarde de inverno matisa o horisonte, ao descambar do sol:—sê artista; porém, não te confies cegamente a ardente inspiração de teu genio; estuda antes, e medita largamente sobre esses bellos frescos dos grandes Mestres, sobre esses prodigios realizados pela arte, e santificados pelo constante perpassar dos seculos: *ut memoria tui sit.*

Si te é grato ouvir o estampido dos canhões, o sibilar das ballas, e ver o fumo espesso dos combates, corre ao campo de Marte, alista-te nas fileiras dos heróes da patria.

Alli, batalhando em prol de uma ideia, procura distinguir-te na arte militar, afim de que a tua espada seja, não vil instrumento da vontade de um tyranno, mas, egide poderosa, sob cujo patrocinio, venhão se abrigar a innocencia perseguida, a justiça conculcada, e um povo escravizado, que gemendo, debaixo do jugo vergonhoso do despotismo, suspira pelas auras benéficas da liberdade!...

Não sigas a senda trilhada pelo ambicioso Napoleão, esse Atilla dos modernos tempos, que escravizou nações; porém, imita o nobre exemplo do brico Washington, que não valeramente soube pugnar pela emancipação politica de seu paiz: *ut memoria tui sit.*

FOLHETIM 4

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA

POR

ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

Esse cão, que era aliás intelligentissimo, olhou para mim um instante com um modo de cassuada, chegou-se quando eu estava a carregar a espingarda, levantou a perna, molhou-me a polaina, e foi-se embora. Percebe que, se fosse um homem que me fizesse semelhante insulto, ou eu lhe havia de tirar a vida, ou elle m'a tirava a mim. Mas o que se ha de dizer a um animal que Deus não dotou de razão. Come percebe, isto, ainda mais

augmentou a minha raiva. Jurei, quando matasse o *chastre*, bater-lhe com elle no focinho. D'ahi por diante, pôde imaginar que nem pensei mais no caminho de Marselha. De pois cheguei... imaginem aonde?

Cheguei a Hyères. Eu nunca tinha estado em Hyères, mas conheci-a pelas laranjeiras. Adoro as laranjas, resolvi comel-as á farta, demais precisava de me refrescar; hão de perceber que semelhante carreira esquenta uma pessoa. Eu estava a quatorze leguas de Marselha, para voltar para lá, erandois dias cheios. Mas havia muito tempo que eu tinha vontade de ver Hyères, de comer laranjas da arvore. Mandeí o *chastre* para todos os diabos, porque principiava a suppôr que elle estava encantado. Tinha-o visto passar por cima dos muros da cidade e poisar n'um jardim. Vá lá uma pessoa procurar um *chastre* n'um jardim, e de mais a mais sem cão, é procurar

agulha em palheiro. Entrei por consequente n'um hospedaria, pedi ceia, e licença para ir comer laranjas ao jardim, já se vê, mettendo-se as laranjas na conta, porque eu não tencionava comel-as de graça. A licença foi concedida.

Estava menos fatigado que na vespera, o que prova que a gente se habitua ás caminhadas, por isso desci logo ao jardim. Era no mez de outubro, a verdadeira epoca das laranjas, imagine duzentas laranjeiras em plena terra—o jardim das Hesperides menos o dragão. Bastou-me estender a mão para apanhar laranjas do tamanho da minha cabeça. Cravava-lhe os dentes como um allemão n'um maçã, quando oiço de repente: Pi! pi! pi!

—E' o canto do *chastre*, tal qual, disse Mery tirando outro charuto do prato.

—Acocorei-me, fixei os olhos no raio

Estuda pois, mocidade, procura lapidar esse precioso diamante que a natureza te offertou, desenvolver a tua bella faculdade intellectiva, applicando-te aquella especie de trabalho, que mais fór de tua predilecção, afim de que n'elle te possas distinguir.

Assim procedendo, attingirás certamente a perfectibilidade tanto nas letras, como na pintura e guerra, e por meio ou da pena, ou do pincel, ou da espada poderás celebrar o teu nome, tornando-te auxilio valioso o engrandecimento da humanidade. E as gerações vindouras, louvando os teus feitos, hão de bendizer eternamente a tua memoria.

SERGIO NOL. 830.

LITTERATURA

A caverna maldita

Novella

Por ...

IV

O dia começava a despontar, e eu ainda permanecia no mesmo lugar.

Tratava de ir juntar-me aos meus companheiros, quando os mesmos homens que tinham entrado na caverna, sahirão e encaminharão-se para a praia.

Esperei que passassem e depois de terem desaparecido, dirigi-me para o rancho.

Quando lá cheguei, achei todos assustados pela minha ausencia.

Narrei-lhes então o que tinha succedido e convidei-os para acompanharem-me na empreza que ia encetar.

A pequena historia que lhes contei despontou-lhes a curiosidade, e todos ao mesmo tempo disserão estar às minhas ordens.

Como os bandidos tinham ao nascer do dia abandonado a caverna, era justo que podiamos entrar sem receio.

A porta da gruta estava fechada por uma pedra de tal modo, que, quem a visse, julgal-a-hia collocada ali pela natureza.

Com um movimento rapido os meus companheiros arredarão a pedra.

Então vimos um subterraneo que poderia ter quinze palmos quadrados.

Eu para animar os homens que estavam com receio de entrar, dirigi-lhes as seguintes palavras de animação:—Avante, amigos, nada de medo, já que principiamos a nossa obra, cumpre que acabamos, e penetrei na caverna.

Animados pelo meu exemplo, os meus companheiros penetrarão também.

N'uma das paredes da caverna, via-se uma pequena porta que dava para um corredor estreito e escuro.

Accendemos uns fachos de palha secca, que haviamos levado, e puzemo-nos a caminhar pelo corredor uns atrás os outros.

Passado o corredor nos vimos n'uma sala espacosa, allumiada pela luz que se escoava através das fendas das paredes.

Derrepente, abriu-se uma porta que ficava n'um dos angulos da sala, e uma multidão de homens, de punhaes em punho, precipitarão-se contra nós.

Os meus companheiros quizerão resistir; mas eu oppuz-me, dizendo que era inutil, pois que elles erão em maior numero do que nós.

Depois de nos terem desarmado, com um modo estouvado e nos insultando com palavras grosseiras, acompanhadas de risadas sarcásticas nos conduziram pa-

ra outra sala ricamente ornada; mas com um luxo barbaro.

No fundo desta sala, sobre um estrado de madeira custosamente polida, estava uma poltrona forrada de damasco azul, onde se sentava um homem ainda moço, da physionomia bonita; este individuo tinha na cabeça um gorro de seda verde com uma borla de fios d'ouro, vestia uma capa de veludo preto bordada também de fios d'ouro, calçava sapatos de couro invernisado, abotoados com five-las de prata.

Rodeavão este individuo varios homens também vestidos com roupas riquissimas.

O chefe desta gente, que era o que estava sentado na poltrona sobre o estrado, depois de nos ter contemplado com colera e ao mesmo tempo com desprezo, perguntou:

—Qual motivo, miseraveis creaturas, que vos trouxe aqui, perturbar o nosso socego?

Então eu respondi, contando-lhe o que já sabeis.

Acabada a minha narração, levantou-se todo acceso em ira e disse dirigindo-se para as pessoas que nos rodeavão:

—Encerrem todos esses homens em um só carcere, carregados de ferros, à excepção deste (apontando para mim), quero que me conserveis separado.

Fomos conduzidos para um subterraneo, onde só existião armas e ferros de todas as qualidades; ahi encadearão um por um todos os meus companheiros, e os levarão para o carcere.

Quando chegou a minha vez, puzerão-me nos pulsos fortes e pesadas cadeas, conduzindo-me em seguida, debaixo de empurrões, para um cubiculo estreito, feito n'uma das paredes de um corredor humido.

Quando me vi nesta horrivel prisão,

de luz que vinha da Grande Ursa, e entre mim e a Ursa Grande, na copa de um loureiro, vejo o meu *chastre*, poisado a quinze passos. Estendi a mão para pegar na espingarda, o diabo da espingarda estava na cosinha. Via-a t'alli, muito bem encostada a um canto. Fazia pontaria ao *chastre* com os meus dois dedos.—Ah! patife! podes-te gabar de ter sorte... sim... canta! canta! se eu tivesse aqui a minha espingarda, eu te cantaria.

—Mas porque a não ia buscar? perguntei eu.

—Sim, para elle se safar no entre-tanço, para elle levantar o vôo para regiões desconhecidas! Nada! nada! tinha-me lembrado de outro plano. Dizia comigo—siga bem o meu raciocínio.—Encaminhei a ceia mais cedo ou mais tarde está prompta, então o estalajadeiro vem-me buscar. Sabe que estou no jardim, e

eu digo-lhe então: Meu amigo, faça-me o favor de me ir buscar a minha espingarda. Percebe?

—Hum! disse Méry, isso é que se chama ser atilado.

Fiquei por conseguinte agachado com os olhos no meu *chastre*, que cantava, que se catava, que alisava as pennas. De repente oíço passos atrás de mim; faço signal com a mão para recommendar silencio.—Ah! perdão! venho incommodal-o! disse o estalajadeiro.—Não, não, respondi eu. Venha cá depressa.—Aproximou-se... Olhe para ali, n'esta direcção.

—Então que tem? é um *chastre*.

—Caluda! vá-me buscar a minha espingarda.

—Para que?

—Quer matar aquelle passarinho?

E meu inimigo pessoal.

—Ah! isso é que não pôde ser.

—Não pôde ser! Ora essa!

—Não, não, já é muito tarde.

—Muito tarde, porque?

—Oh! é que se paga uma multa de trez francos e doze soldos, e vae-se dois dias para a cadeia, quando se dispara no interior da cidade um tiro de espingarda depois das Ave-Marias

—Pois vou para a cadeia, pago os trez francos e doze soldos de multa, vá-me buscar a espingarda.

—Sim para que me declarem cúmplice. Não, não, amanhã também é dia.

—Mas amanhã, desgraçado, bradei eu mais alto do que o permittia a prudência, amanhã já não o encontro.

Continúa

lembrei-me da minha esposa e de meus filhos.

Como não estavam tao afflictos aquellas queridas creaturas com o meu desaparecimento ? Quantas vezes os meus innocentes filhinhos, sentindo a minha falta, não irão perguntar à sua desconso-lavel mãe por mim, e ella procurando re-ter as lagrimas, lhes responderá:—Ha de vir, meus filhos?

Eu chorava, e chorava tanto que cahia n'uma especie de lethargo.

Depois, lembrava-me dos meus compa-nheiros.

Como não estarão elles amaldiçoando a hora em que os fui convidar para acom-panharem-me?

Quantas blasphemias não terão dito contra mim aquelles infelizes opprimi-dos pelos ferros do captivo?

Passeava, vacillando pelo cubiculo, sacudindo as cadêas e esbarrando-me mui-tas vezes com as paredes, dando assim motivo para que meu guarda me amea-çasse com pancadas.

Foi assim que passei o resto daquelle dia tão funesto.

A noite, depois de ter pensado e cho-rado muito, pude afinal conciliar o somno; mas um somno agitado.

Continúa

POESIAS

MOTTE

Toda a moça moreninha
Encanta, seduz, captiva.

GLOSA

E' meo fado, é sorte minha
Amar à todas as Bellas,
Mas prefiro d'entre ellas
Toda a moça moreninha,
E si ella é bonitinha,
Meiga, terna, compassiva,
Em meu coração motiva
Um tam puro, ardente amor,
Que eu confesso qu'esta côr
Encanta, seduz, captiva.

Rio de Janeiro, 15-9 1850.

Por A. A. S. e M.

Desabafo

Fugi donzella, de ver-te,
Que teus olhos me inflamavão;
Frechadas d'amor intenso
Meu coração traspassavam !..

Sob a cinza pardacenta
Da cruel melancolia
Eu tinha occulta a scentelha
Da mais terna sympathia !

Mas quiz a ferrenha sorte
Q'os infaustos olhos meos
Bebessem d'amor torrentes
Nas fontes dos olhos teos !..

Mais te vejo, mais te quero,
Mais suspiro, mais padeço;
A razão me impõe fugida..
Mais (ai de mim!) não te esqueço!

Zombarás dos meus amores,
Q'oppresso do escuro fado,
Sinto precoce velhice,
De pranto o rosto sulcado !

Mas, si a folha verdejante
Murcha da flamma ao calor,
Que muito q'a folha secca
Se abrasa com tanto ardor ?!..

Pois folha secca agitada
E' meo peito a palpar,
Onde faisca celeste
Acaso veio pousar !

Praia Comprida, 25-3-79.

W. BUENO.

A BACCHANTE

POEMETO

POR

HORACIO NUNES

IV

E a rainha da festa saltitava
sobre os molles tapêtes de velludo,
e assim, n'alegre dança quem a olhava,
extatico a-contempla em ancia, mudo....

Bate palmas a turba á formosura,
applauda a turba em grita a Messallina,
—que passa,—como um astro que fulgura,—
nos requêbros da dança peregrina.....

Continúa

NOTICIARIO

Deshumanidade—No dia 8 de Maio, Manoel Ignacio do Nascimento, morador no sitio de S. Jeronymo, do termo do Triumpho, amarrrou alli o seu filho de nome José, de 12 para 13 annos de idade, e remetteu-o a seu filho mais velho, de nome Antonio Ignacio Pereira do Nascimento, morador no sitio Oiti, do mesmo termo, ordenando-lhe sob pena de maldição, que conservasse o mesmo menor Jose amarrado e não lhe desse, de comer nem de beber até que morresse, e logo que elle expirasse, alli o enterrasse.

Recebendo Antonio Ignacio a victima, cruciforceu-a deshumanamente em um pé de Limeira e com cordas amarradas aos braços e pescoço, cumprindo em tudo o mais a barbara ordem de seu pai, sendo José sepultado dous dias depois, apenas falleceu.

« O delegado do termo, a quem foi denunciado tão espantoso crime, dirigiu-se immediatamente ao lugar, procedeu á ex-humação do cadaver de José, fez a compe-

tente autopsia e as demais diligencias recommendadas por lei, em vista das quaes e da confissão dos proprios delinquentes e da declaração de um irmão do morto, de nome Pedro e de menor idade, reconheceu a mesma autoridade ser verdadeiro o acto, em consequencia do que prendeu logo os mesmos delinquentes e os remetteu ao Dr. juiz municipal do termo com o competente inquerito policial.

« Tal é o odioso, barbaro e nefando crime, que a razão repelle quasi como um impossivel, e que entretanto, foi commettido implacavelmente por dois miseraveis contra uma infeliz criança, que nem ao menos podia lutar, nem protestar com arma na mão em defesa propria.

Contra taes celerados não pode haver a minima commiseração. »

(Ext. do *Paraiseuse*)

O orgulhoso Solimão, imperador dos turcos, estando em guerra com a Hungria tomou-lhe a cidade de Belgrado reputada então o baluarte da christandade.—Alguns dias depois de ter-se a-

poderado d'aquella praça approximou-se a elle uma pobre mulher que deubhada em lagrimas se queixou de que na noite antecedente alguns soldados turcos lhe haviam roubado do curral uma vacca de leite, na qual se cifrava toda a sua fortuna.

« Certamente, respondeu o imperador sorrindo-se, tu dormias profundamente pois que não sentiste os ladrões. »—

« Senhor, replicou com vehemencia a queixosa verdade é que eu dormia a sonno solto, na idéa de que V. A. velava pela segurança e fazenda de seus subditos. » Solimão que possuia uma alma heroica, longe de offender-se com a liberdade daquella mulher a recompensou dando-lhe dez vezes mais do que perdera no roubo.

Mordedura de cobra.—No dia 9 deste mez, trabalhando Adolpho Chakert, moço de 15 annos de idade, morador na estrada do Pirahy, na sua roça tratando de lavoura, foi mordido por uma cobra jararaca. Por falta de remedio contra o veneno na casa o pobre rapaz já foi cadaver ás 9 horas de noite do mesmo porque chegando o medico duas horas depois já era tarde demais. Sirva mais este triste acontecimento de lição aos colonos que nunca deixem faltar em suas casas o remedio tam indispensavel para semelhantes casos, pelo que se tivesse sido applicado logo, talvez teria sido solvo uma vida preciosa.

(Ext. da Gazeta de Joinville.)

Jornaes

Agradecemos ás respectivas redacções a remessa dos seguintes Jornaes:

Despertador, Regeneração, Conservador, Echo do Paraná, Municipio, Saudade, Mosaico, Gazeta de Joinville, Theophilo Ottoni, Nova Aurora, Echo Social, Ideia, Sapucaense, Gazeta de Taubaté, e Gazeta da Victoria.

A PEDIDO

Thesouraria de Fazenda

Acha-se á testa da Contadoria da Thesouraria de Fazenda Geral d'esta Provincia, o distincto funcionario, honesto e intelligente o sr. Candido Melchhiades de Souza que ultimamente foi nomeado contador d'aquella Repartição por decreto de 15 do preterito mez de Abril.

Como apreciador do bello talento de um bom empregado, por isso não posso deixar de congratular-me pelo despacho que obteve do governo imperial.

Accete o sr. Melchhiades as minhas felicitações.

Desterro, 4 de Maio de 1879.

VARIETADES

Ingrata

(A' V. M. de C-)

Virginia, menina ingrata despea macara que te cobre o rosto!

E' a dor da ingratidão que me mata!

Nunca pensei que a imagem seductora de meus sonhos, fosse o abutre de meu coração!

Eu sou Promethéo amarrado no tronco do amor e tu o abutre que me roes o figado!

Hercules, vem socorrer-me!

A ingratidão é a ave de rapina que morde e esconde-se!

Antes morrer nas areias abrasadas do deserto do que ser martyrisado pelo o amor!

Sepulchros! Abri-vos e dae lugar a este desgraçado navegante que perdido nas ondas da vida vio eclipsar-se a unica estrella que o guiava!

Virginia, tu és a hyena; o demonio trahiceiro esconde teu rosto menina.

És a virgem degenerada!

A dor da ingratidão é que faz sahir estas linhas de minha enferrujada pena.

Corte, 2-4-79.

F. J. V.

POBRESA DE HOMENS CELEBRES—Homero viveu e morreu na mendicidade. Tasso não pode comprar uma vela para escrever de noite a famosa Jerusalém. Esopo foi um infeliz que se despenhou do monte Delphos. Olivahy expirou n'um palheiro. Bethneis morreu de miseria n'um celleiro. Murillo percorria descalço as ruas de Sevilha. Le Sage viveu de esmolos. Corneio teve no dia de sua morte uma tijella de caldo. Adanton não sahia a rua por não ter calçado. Cervantes escreveu o seu immortal D. Quichote n'um calabouço, e morreu de miseria e desesperação. Camões morreu em miseria n'um hospital.

Um roceiro fallou a um typo que lhe agradou para casar com uma filha que tinha; porém, como o dito typo não cohecesse moça, levou-o o velho ao sitio sob pretexto de vender-lhe uma porca.

Acompanhou-o o rapaz. No momento em que a sua futura mostrava-lhe o animal, assoma o velho á janela e pergunta-lhe com intenção:

—Então, agrada-lhe a porca?...

Sabe de que fallo...

—Agrada-me, mas tem a barriga um tanto crescida, respondeu o moço sem comprehendel-o.

O velho ficou rubro.

Dialogo

Entre um padre e um caixeiro de corranças.

Este áquelle:

Que differença ha entre um padre e um burro, seu padre?

—Não sei.

—Pois é simples! O padre traz a cruz ao peito e o burro tral-a no lombo.

Agora áquelle á este:

E qual é a differença que existe entre um caixeiro e um burro?

—Não sei.

—Pois nem eu.

Perguntou certa senhora

A ella viuva, um dia

Porque morrendo-lhe o esposo,
Sem se caser existia?

É porque d'um tal marido
A lembrança o quer assim,
Se elle morreu para todos
Inda vive para mim.

Perguntou um advogado

A outro quem conhecia;

Porque motivo sómente
As causas más defencia?

Tendo eu perdido as boas,
Pode o outro responder
Senão defender as más
Não terei de que viver.

Um juiz de irmandade, dando ordem para a festa do dia immediato:

—O sol tocará ao nascer dos sinos,
e a igreja dará duas voltas á roda da procissão.

ANNUNCIO

Advogacia

Dr. João Muniz Cordeiro Tatagiba.

com Escriptorio de advogacia
e de negocios Administrativos.

Rua do Principe N. 2

(CAJUEIROS)

RIO DE JANEIRO

Typ. e Lithographia de A. Margarida
RUA DE JOÃO PINTO N.º 28